



Ação política e ativismo transnacional de migrantes em plataformas digitais¹

Denise Cogo²

Resumo: Esse artigo visa refletir sobre o ativismo transnacional de migrantes e os usos das tecnologias digitais a partir da revisitação de seis pesquisas sobre essa interface temática realizadas entre 2015 e 2022 no contexto ibero-americano. A análise aborda seis aspectos desse ativismo: pautas mobilizadoras; articulação entre países de origem e destino; intersecção entre espaços das redes digitais e da rua; apropriação de linguagens das redes; trajetórias migratórias e repertórios políticos e comunicacionais dos ativistas; relação com os Estados-nação e dimensão intercultural do ativismo.

Palavras-chave: migrações; transnacionalismo; ativismo político; plataformas digitais; interculturalidade.

Political action and transnational activism of migrants on digital platforms

Abstract: *This paper aims to reflect on the transnational migrant activism and the utilization of digital technologies. To achieve this, it revisits six studies conducted between 2015 and 2022 within the Ibero-American context. The analysis examines*

¹ Este artigo traz resultados de pesquisas financiadas com Bolsa de Produtividade Nível 1C do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Bolsas no Exterior – Pesquisa (BPE) da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

² Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) – São Paulo – Brasil – denise.cogo@espm.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4544-7335>.

six fundamental aspects of this activism: mobilizing agendas; the articulation between countries of origin and destination; the convergence of digital network spaces and physical locales; the appropriation of network languages; migratory trajectories and the political and communicational repertoires of activists; the relationship with States and the intercultural dimension of activism.

Keywords: *migration; transnationalism; political activism; digital platforms; interculturality.*

Acción política y activismo transnacional de migrantes en plataformas digitales

Resumen: El objetivo de este artículo es reflexionar sobre el activismo transnacional de los migrantes y los usos de las tecnologías digitales a través de la revisión de seis estudios sobre esta interfaz temática realizados entre 2015 y 2022 en el contexto iberoamericano. El análisis aborda seis aspectos de este activismo: agendas movilizadoras, articulación entre países de origen y destino; intersección entre espacios de las redes digitales y la calle, apropiación del lenguaje de las redes; trayectorias migratorias y repertorios políticos y comunicacionales de los activistas; la relación con los Estados y la dimensión intercultural del activismo.

Palabras clave: migraciones; transnacionalismo; activismo político; plataformas digitales; interculturalidad.

Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as relações entre ação política e ativismo transnacional de migrantes e os usos das tecnologias digitais a partir da revisitação de pesquisas sobre essa interface temática. Essa revisitação é conduzida por três perguntas que orientaram a coleta e análise de dados que resultaram neste artigo: a) como a economia política das plataformas digitais e seus recursos participativos, interativos e conectivos vêm moldando e, ao mesmo tempo, sendo moldados pelo ativismo político transnacional dos migrantes?; b) quais possibilidades, limites e ambivalências do ativismo político migrante a partir da apropriação das tecnologias digitais?; e c) quais dimensões interculturais podem ser extraídas das reflexões acerca das mobilizações políticas dos migrantes transnacionais, especialmente no que se refere aos processos de pesquisa sobre essa mobilização? Essas perguntas geraram, posteriormente,

categorias analíticas que, detalhadas na seção dedicada à metodologia, fundamentaram a análise das seis pesquisas selecionadas. A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, está fundamentada na sistematização e análise de dados das seis pesquisas sobre ação política, ativismo migrante e tecnologias digitais realizadas entre 2015 e 2022 no contexto ibero-americano. As pesquisas foram desenvolvidas pela autora deste artigo em coautoria com pesquisadores vinculados a universidades brasileiras e estrangeiras.

Referencial teórico

Tarrow (2010) define o ativismo transnacional como aquele constituído por um subconjunto de pessoas e grupos que se encontram enraizados em contextos nacionais específicos, mas que se envolvem em atividades de luta política que os levam a participar em redes transnacionais de contatos e conflitos. Sob a denominação de “cosmopolitas enraizados”, o autor postula que a novidade dos ativistas estaria em sua conexão tanto com a atual dinâmica de globalização quanto com as estruturas em transformação da política internacional (Tarrow, 2010). Entre os ativistas, encontram-se os migrantes que se envolvem regularmente em atividades transnacionais, embora, a exemplo do que assinala Portes (2004), Tarrow (2010) saliente que nem todos os migrantes têm envolvimento com ações transfronteiriças.

O desenvolvimento tecnológico que propiciou tanto o barateamento dos custos dos transportes como a ampliação de acesso às tecnologias da informação e comunicação são dois dos principais fatores apontados por diferentes autores como desencadeadores de ações políticas de caráter transnacional envolvendo os migrantes. (Navarro García, 2014; Portes, 2004; Retis, 2018; Sassen, 2003). Em sua reflexão, Portes (2004: 74) pontua que, embora exista em toda a história das migrações exemplos de transnacionalismo, “[...] se comparado com o passado, os migrantes dispõem hoje de muitos mais recursos tecnológicos para manterem laços econômicos, políticos ou culturais com os respectivos países de origem”.

Dentre as ações transnacionais dos migrantes, Tarrow (2010) destaca que podem abranger desde a remessa de dinheiro e/ou visitas regulares dos ativistas aos países de origem para investimento em empresas, obras filantrópicas e organização de eventos culturais, até a intervenção e participação direta nos processos políticos e eleitorais nesses países. No entanto, o autor não deixa de ressaltar que essa participação não exclui os nacionalistas migrantes que mobilizam discursos das diásporas para, através do uso da violência, desestabilizar

ou derrubar o governo dos países de origem, como, por exemplo, os croatas do Canadá, os irlandeses de Boston e os curdos da Alemanha.

O campo da chamada epistemologia da agência ou autonomia das migrações tem contribuído para a compreensão das ações, estratégias, lutas e resistências dos migrantes, assim como de seus processos de intervenção e transformação, em diferentes instâncias sociais, econômicas, culturais, artísticas e políticas (Lacomba Vázquez; Moraes Mena, 2020). A noção de agência sustenta visões como a de Mezzadra (2012), que defende que, no âmbito das lutas e movimentos migratórios, os migrantes não querem se converter em cidadãos, embora já atuem como tal, independentemente de seu estatuto jurídico de cidadania. O autor chama a atenção para as tensões entre as forças estruturais e a capacidade subjetiva de ação dos migrantes, reivindicando uma atenção especial “[...] para a forma com que os dispositivos de sujeição e os processos de subjetivação (coação e liberdade) entram em jogo na constituição do campo de experiências da migração” (Mezzadra, 2015: 13). Trata-se, na síntese do autor, de “[...] trazer à luz práticas subjetivas de negociação e contestação das relações de poder” (Mezzadra, 2015: 13) em contextos específicos, nos quais é possível observar as dinâmicas migratórias. Nessa perspectiva, Varela-Huerta (2021: 147) define como “luta migrante” os atos cotidianos, muitas vezes extremos, de sustentação da vida: “[...] formas de ação latente ou manifesta, coletiva ou individual, subjetiva ou comunitária, que os sujeitos migrantes ou refugiados praticam em momentos específicos”.

A partir dos anos 1990, os processos de digitalização da comunicação e a popularização da internet permitiram aos migrantes ampliarem e intensificarem essas interconexões e a própria participação política em nível transnacional. Na análise sobre o ativismo contemporâneo dos movimentos sociais, Lago Martínez (2015) destaca o novo ciclo de protestos que, a partir de 2009 e 2010, sucedem o período de lutas protagonizadas pelos movimentos de resistência global. No escopo das transformações ocorridas em pouco mais de uma década nos modos de protesto desses movimentos, a autora destaca “[...] o salto tecnológico (equipamento, infraestrutura e capacidades para o uso) e sobretudo a apropriação das tecnologias digitais para a atividade política” (Lago Martinez, 2015: 121). Além disso, a autora assinala que, nessas mobilizações, o espaço público urbano de interação “cara a cara” se combina com a dimensão mediada das redes digitais, lembrando que as fronteiras entre os chamados mundo *on-line* e *off-line* se tornam difusas nos novos modos de intervenção política (Lago Martinez, 2015).

Assim, estudar as dinâmicas de comunicação em rede exige pensar a tecnologia não só como novidade dos aparatos, mas como novos modos de linguagem e percepção, novas sensibilidades e escrituras capazes de produzirem apropriações diversas e nem sempre previsíveis das tecnologias digitais. Nessas dinâmicas, o ativismo desponta “[...] como possibilidade de participação social, de experimentação transnacional e, em alguns casos, de transformação social a partir de práticas cidadãs” (Brignol, 2018: 127). Agendas políticas diversas têm mobilizado os ativistas migrantes em espaços digitais, como aquelas relacionadas ao direito à autorrepresentação como migrantes, ao voto, à ocupação de cargos políticos nos países de destino, ao retorno ao país de origem, à democratização dos processos políticos no país de origem, à denúncia de racismo e xenofobia sofridas nos países de destino e à própria migração —como direito, não imposição (Almeida e Cogo, 2022; Brignol; Costa, 2016; Elhajji; Escudero, 2020; Nedelcu, 2019; Ramírez Plascencia, 2016; Tsagarousianou; Retis, 2019).

Embora sejam dominantes as pesquisas sobre os usos das tecnologias digitais por ativistas migrantes que se opõem a políticas anti-imigração, mais recentemente pesquisadores têm se preocupado em compreender como as plataformas digitais estão contribuindo também para ampliar a mobilização política e o alinhamento dos migrantes a discursos radicais e de extrema direita, especialmente nos países de destino, mas, em alguns casos, também em relação aos países de origem (Cogo; Camargo; Alencar, 2023), 2023; Jaramillo-Dent; Alencar; Asadchy, 2002; Jaramillo Dent; Contreras-Pulido; Pérez-Rodríguez, 2022; Huertas Bailén; Peres Neto, 2020; Sablina, 2021).

A compreensão do ativismo migrante no contexto das plataformas digitais e redes sociais proposta neste artigo considera os impactos das transformações tecnológicas nos processos migratórios e na vida dos migrantes em diferentes âmbitos (sociais, políticos, econômicos e tecnológicos), que decorrem das implicações da presença e expansão das chamadas *Big Techs* na sociedade e nas próprias formas de participação política. Para Cunha (2022), o papel das grandes empresas (*Big Techs*) na difusão de conteúdos e de informação, no mundo do trabalho, na sociabilização dos cidadãos, bem como no paradigma energético vem provocando transformações econômicas e políticas em nível global, “consolidando uma nova forma de capitalismo, designado ora de ‘capitalismo digital’, ora de ‘capitalismo de vigilância’, cuja matéria-prima de expansão são os dados fornecidos, voluntariamente, por seus utilizadores” (Cunha, 2022: 184).

Além disso, as *Big Techs*, segundo enfatiza a autora, estão no centro das crises das democracias, potencializando “[...] a polarização ideológica, os extremismos e, ao mesmo tempo, favorecendo regimes totalitários e populistas, com

base em formas totalitárias e secretas de programação algorítmica” (Cunha, 2022: 188). A reflexão da autora aponta, ainda, para a desordem informativa como uma das características do mundo atual, com implicações para a capacidade dos cidadãos de lerem e interpretarem o mundo.

Sobre as especificidades das plataformas digitais, Poell, Nieborg e Djick (2020) observam que as tradições de pesquisa nessa área têm concebido as plataformas principalmente em termos institucionais, como infraestrutura de dados, mercados e formas de governança. Os autores enfatizam que tem sido notável “[...] a ausência de análises sobre como as plataformas transformam práticas culturais e vice-versa, como as práticas em evolução transformam as plataformas como construções sociotécnicas específicas” (Poell; Nieborg; Djick, 2020: 5).

Nessa perspectiva, as plataformas digitais incidem também sobre as relações interculturais ao mobilizarem imaginários transnacionais sobre a migração na sua condição de processo sociocultural que implica em uma multiplicidade de contatos e interações entre culturas que não estão isentos de conflitos, mas, ao contrário, estão atravessados por questões estruturais e cotidianas de poder e de dominação relacionadas a marcadores étnico-raciais, geracionais, de classe e de gênero (Malgesini; Giménez, 1997: 211). Os discursos anti-imigração, o racismo e a xenofobia contra imigrantes, produzidos e disseminados nas redes sociais são exemplos recentes de disputas interculturais que têm se materializado em lutas políticas transnacionais envolvendo ativistas anti e pró-imigração.

Metodologia da pesquisa

Este artigo se estrutura a partir da sistematização e análise das seis pesquisas sobre ação política, ativismo migrante e tecnologias digitais realizadas entre 2015 e 2022 no contexto ibero-americano. Conforme já mencionado, as pesquisas foram desenvolvidas pela autora deste artigo em coautoria com pesquisadores de diferentes países.

Orientada pelas três perguntas mencionadas na introdução, a análise buscou identificar convergências e distinções das seis experiências de ativismo selecionadas com relação aos seguintes aspectos:

1. Pautas mobilizadoras do ativismo dos migrantes nas plataformas digitais;
2. Articulação entre espaços de origem e destino dos migrantes;
3. Complementaridade entre espaços das redes digitais e espaços da rua na ação política;

4. Apropriações das linguagens das redes digitais;
5. Repertórios políticos e comunicacionais dos ativistas;
6. Dimensão relacional do ativismo frente aos Estados;
7. Interculturalidade como dimensão do ativismo transnacional dos migrantes.

Por fim, cabe assinalar que a análise foi realizada a partir de artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais nos quais são apresentados os resultados das seis pesquisas selecionadas. Todos os artigos consultados estão listados na bibliografia.

As seis pesquisas analisadas

As pesquisas analisadas neste artigo focalizaram a relação entre ação política e ativismo migrante em plataformas digitais em seis experiências ativistas relacionadas às diásporas de brasileiros, chineses, cubanos, espanhóis, haitianos e venezuelanos. O foco das pesquisas foram as diferentes dinâmicas ativistas nas plataformas digitais X (antigo *Twitter*), *Facebook*, *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*, que, em alguns casos, também contemplaram o uso de aplicativos de mensagens, como *WhatsApp* e *Telegram*. As metodologias das pesquisas, de caráter qualitativo, combinaram a observação e a coleta de interações dos ativistas em plataformas digitais com a realização de entrevistas com ativistas. Apenas uma delas, sobre o ativismo da diáspora cubana, não incluiu entrevistas.

A primeira pesquisa focalizou o ativismo transnacional do coletivo de migrantes espanhóis *Marea Granate*. O coletivo liderou uma série de mobilizações em espaços digitais em favor dos direitos da diáspora espanhola após a crise econômico-política de 2008, que afetou especialmente os países da Europa e os Estados Unidos (Cogo e Olivera, 2017; Olivera e Cogo, 2017). Uma primeira campanha digital de mobilização de *Marea Granate*, *#NoNosVamosNosEchan*, realizada em 2012 e 2013, esteve orientada à disputa de narrativas sobre a migração de jovens espanhóis ocasionada pela crise de 2008. Ela visou a desconstrução de discursos do governo e das mídias da Espanha que representavam a emigração espanhola como “migração espontânea e não imposta” e associada à “aventura, extensão da experiência profissional e aprendizagem de línguas” (Cogo e Olivera, 2017). Uma segunda mobilização do coletivo *Marea Granate* abrangeu as campanhas *#SinVozNiVoto* (Figura 1), *#VotoRogado* e *#RescataMiVoto*, visando a remoção das barreiras administrativas impostas pelo governo espanhol para o exercício do voto no exterior. A partir da reforma eleitoral de 2011, os cidadãos

espanhóis residentes no exterior passaram a ter que “rogar” o direito ao voto a alguma autoridade eleitoral (consulados, por exemplo) a cada eleição. Além do risco de ter o voto negado, o novo procedimento ocasionou um aumento de 90% na abstenção eleitoral de residentes no exterior, especialmente em função da multiplicação de trâmites e do tempo exigidos para o exercício do voto. As mobilizações dos ativistas do coletivo Marea Granate contribuíram para a revogação, em outubro de 2022, da lei do voto rogado de espanhóis residentes no exterior que havia sido aprovada em 2011 pelo Parlamento da Espanha.

Figura 1 – Peça da campanha #SinVozNiVoto



Fonte: Marea Granate ([2022]).

Uma segunda pesquisa foi orientada à análise de um conjunto de narrativas de diferentes formatos e gêneros (websérie, webrádio, história em quadrinho, vídeos, perfis em redes sociais etc.) produzidas e difundidas, entre 2015 e 2017, nas plataformas digitais por migrantes haitianos no Brasil. Conforme as figuras 2 e 3 abaixo, nessas narrativas, os haitianos buscaram dar visibilidade às suas experiências no âmbito das relações raciais, denunciar o racismo vivido no Brasil e evidenciar as estratégias contradiscursivas de enfrentamento desse racismo em suas trajetórias migratórias no país.

O recontar da história do Haiti promovido pelos migrantes em espaços digitais se revelou como uma dimensão dessas narrativas que visou o deslocamento de representações midiáticas racializadas que associam o Haiti e os haitianos à falta, à pobreza e à vulnerabilidade. Essas narrativas também operaram para questionar o mito de democracia racial como narrativa fundadora da nação

brasileira, ao evidenciar que a raça permanece como demarcadora da seletividade das políticas migratórias e como produtora de desigualdades para os migrantes (Cogo, 2018; Cogo, 2019b).

Figura 2 – Reportagem em quadrinhos



Fonte: Agência Pública ([2015]).

Figura 3 – Websérie sobre imigração haitiana



Fonte: Outras Mídias (2015).

A terceira pesquisa foi desenvolvida entre 2018 e 2019 e abordou o ativismo de migrantes brasileiros em Barcelona contra o *impeachment* da ex-presidenta brasileira Dilma Rousseff (Cogo, 2019a) (Figura 4). A pesquisa evidenciou que os brasileiros articularam ações nas ruas e nas redes digitais para promover a circulação de narrativas em espaços sociais, institucionais e midiáticos espanhóis e europeus sobre o *impeachment* como golpe político, jurídico e midiático, assim como denunciar a crise econômico-política do Brasil desencadeada pelo *impeachment*. Através do uso das *hashtags* #UnidoscontraoLawfare, #EleNão e #ForaTemer, as manifestações dos migrantes brasileiros seguiram pautas similares às do país de origem, reproduzindo, inclusive, a polarização político-partidária observada no Brasil.

Figura 4 – Manifestação de brasileiros em Barcelona contra o *impeachment*



Fonte: imagem cedida à autora pelo ativista Edi Barcelo (2019).

Os ativistas também criaram, em espaços digitais, formas próprias de interação, cooperação, linguagem e estéticas a fim de traduzirem para outros contextos nacionais europeus um episódio específico da crise econômico-política brasileira. Além disso, as ações de resistência dos ativistas ao *impeachment* foram articuladas em colaboração com diferentes coletivos transnacionais integrados por migrantes brasileiros e latino-americanos presentes nas plataformas digitais, dentre os quais, *Amigos da Democracia*, *Frente Internacional Brasileiros contra o Golpe* (FIBRA), *Comitê Internacional pela Anulação do Impeachment*, *Comitê Lula Livre BCN*, *Unidos contra o Lawfare*, *Brasileiros no exterior pró-PT 2018* e *Mujeres Brasileñas contra el Facismo BCN* (Cogo, 2019a).

Em uma terceira pesquisa, realizada em 2020, no contexto da pandemia de COVID-19, analisamos o ativismo transnacional em redes digitais da diáspora chinesa que visou o enfrentamento de narrativas racistas e xenofóbicas em

torno da expressão “vírus chinês”, que promoveu a associação entre o coronavírus e a população da China. A pesquisa abordou o processo de criação e produção de duas campanhas, *#EuNãoSouUnVirus* e *#YoNoSoyUnVirus*, difundidas nas plataformas *Twitter* e *YouTube*, no Brasil e na Espanha, conforme figura 5 abaixo. Foram discutidas duas dimensões do transnacionalismo em redes digitais da diáspora chinesa que demarcaram o processo de produção das campanhas nos dois contextos nacionais: 1) o surgimento de narrativas racistas e xenofóbicas em torno do vírus chinês como impulso ao ativismo transnacional da diáspora chinesa nas redes digitais; e 2) o ativismo das campanhas *#EuNãoSouUnVirus* e *#YoNoSoyUnVirus* como oportunidade para o engajamento político e o enfrentamento do conflito no contexto da cultura chinesa (Cogo; Peres Neto; Huertas Bailén, 2024).

Figura 5 – *Imagens compartilhadas pelos criadores das campanhas #EuNãoSouUnVirus e #YoNoSoyUnVirus, no Brasil e na Espanha*



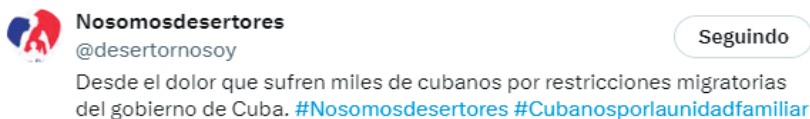
Fonte: Pula Muralha (2020); Liu Yang (2020).

Uma quinta pesquisa focalizou o ativismo da diáspora cubana no *X* (antigo *Twitter*) através da análise do perfil *#NoSomosDesertores* (Figura 6). Os ativistas atuaram para denunciar e dar visibilidade ao banimento de profissionais de saúde decorrente do abandono das missões de colaboração internacional coordenadas pelo governo cubano, assim como evidenciar as implicações desse banimento nas relações familiares. Através dessas interações, os integrantes da

diáspora cubana buscaram, ainda, criar um espaço de negociação com o Estado cubano, visando influenciar as políticas migratórias que restringem o direito desses profissionais à mobilidade internacional e ao retorno a Cuba.

Quatro dimensões se destacaram nas narrativas sobre direitos migratórios produzidas e compartilhadas pelos ativistas cubanos pelo perfil *#NoSomosDesertores*: 1) a afirmação do pertencimento à nação e o direito à mobilidade e ao retorno; 2) as consequências familiares do banimento de profissionais cubanos; 3) a relevância econômica para Cuba das remessas enviadas pela diáspora representada pelos profissionais de saúde; e 4) o apelo ao governo cubano pela inclusão do direito à mobilidade na discussão sobre políticas migratórias (Cogo; Santos, 2022)

Figura 6 – Perfil *#NoSomosDesertores* de ativistas cubanos



Fonte: No somos desertores (2018).

Em uma sexta e última pesquisa, tratamos da participação política de migrantes venezuelanos na campanha eleitoral para a presidência do Brasil, em 2022, através da produção e circulação, em plataformas digitais, de testemunhos sobre o risco de “venezuelização” do Brasil que poderia representar a vitória do candidato de oposição do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva. No contexto de instrumentalização da migração venezuelana pelo governo de extrema direita brasileiro e seus apoiadores, os migrantes venezuelanos e influenciadores migrantes se engajaram em diferentes plataformas digitais (*Facebook, Instagram, Twitter e Youtube*) e aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram* para denunciar as condições sociais, econômicas e políticas da Venezuela, convocando os brasileiros a votarem em Bolsonaro e alertando para os riscos do Brasil “virar uma Venezuela” se o PT vencesse as eleições (Cogo; Alencar; Camargo, 2023). Na figura 7, abaixo, registro da manifestação de venezuelanos em Roraima a favor do governo Bolsonaro compartilhada por migrantes venezuelanos.

Figura 7 – *Manifestação de venezuelanos em Roraima a favor do governo Bolsonaro*



Fonte: imagem compartilhada em grupo de venezuelanos no WhatsApp, cedida à autora (2022).

Resultados da análise

Na análise, buscamos levantar as convergências e distinções das experiências ativistas transnacionais abordadas nas seis pesquisas investigadas neste artigo no que se refere aos sete aspectos descritos anteriormente na seção metodologia da pesquisa. Identificamos, inicialmente, que as pautas mobilizadoras da ação política e ativista dos migrantes nas plataformas digitais são diversas e abrangem: o direito à autorrepresentação como migrantes e à visibilidade de suas lutas identitárias relacionadas ao racismo e à xenofobia, como no caso de haitianos no Brasil e da diáspora chinesa no Brasil e Espanha; o direito ao retorno e a influência nas políticas migratórias no país de origem, como foi possível observar em relação à diáspora cubana; e, ainda, o direito ao voto e a defesa da migração como direito e não como imposição em decorrência de crise econômica e política, como reivindicado pelo coletivo de espanhóis Marea Granate. A participação na vida política dos países de origem e destino também está presente tanto nas mobilizações transnacionais dos ativistas brasileiros em Barcelona voltadas à denúncia do *impeachment* como golpe no Brasil quanto na ação política de venezuelanos em apoio à reeleição de Jair Bolsonaro.

Constatamos, ainda, que, das seis experiências ativistas analisadas, cinco se desenvolvem a partir de pautas que fazem referência a demandas nas quais estão implicados os países de origem e de destino dos migrantes, reafirmando a dimensão transnacional que demarca as lutas migrantes destacadas por

autores como Portes (2004) e Tarrow (2010). Isso se evidencia nas mobilizações por direito ao voto reivindicado pelo coletivo Marea Granate; na reivindicação pelo direito ao retorno de integrantes da diáspora cubana; nas denúncias do *impeachment* da ex-presidenta do Brasil como golpe no contexto europeu; e na xenofobia contra a diáspora chinesa no contexto da pandemia de COVID-19 em decorrência da difusão de desinformação em torno da criação do vírus na China. O alerta sobre o risco da “venezuelização” do Brasil que mobilizou o apoio a migrantes venezuelanos à reeleição de Bolsonaro em 2022 também coloca em evidência a relação entre o país de origem e de destino dos migrantes. No caso dos migrantes haitianos, o ativismo esteve centrado na denúncia do racismo vivenciado no país de destino, embora os ativistas tenham recorrido ao argumento da origem cultural afrodescendente comum de ambas as nações (Brasil e Haiti).

A análise dos resultados das seis pesquisas revela, ainda, que o ativismo de espanhóis, brasileiros, haitianos e venezuelanos combina ações nas redes digitais com manifestações nas ruas, na perspectiva apontada por Lago Martínez (2015) sobre a complementaridade das interações no espaço urbano e nas redes digitais que demarca as dinâmicas de intervenção política. Em diferentes cidades com presença da diáspora espanhola, o coletivo Marea Granate ocupou o espaço urbano através de manifestações e instalações, como aquela dedicada à “morte do voto”, além de manter uma ocupação ativa nas redes digitais através da criação e manutenção de um *website* próprio, da presença em todas as redes sociais e da realização de assembleias virtuais entre seus membros. Todas essas ações envolveram uma ampla produção autoral, por parte do coletivo, de peças de mobilização em formato digital. Já as campanhas de ativismo das diásporas cubana e chinesa permaneceram circunscritas aos espaços digitais.

Em todas as experiências de ativismo analisadas, há uma convergência de formas organizativas em que a dimensão estética e comunicativa da ação política se torna central nas redes digitais (Lago Martínez, 2008). Observamos o uso da imagem como dimensão preponderante da construção de narrativas dos ativistas migrantes nas redes digitais, que encontra vinculação com o atual regime de visualidades das sociedades contemporâneas, ancorado na profusão, no excesso, na espetacularização das imagens e na hipervisibilidade das experiências sociais que decorrem da própria consolidação do capitalismo digital (Rocha; Liesenberg, 2015). A estetização da ação política que decorre desse uso preponderante da imagem está relacionada ao que Miskolci (2021) reflete sobre o predomínio dos sentidos afetivos e estéticos em detrimento do argumento racional como uma das principais características da atual esfera pública tecnomediatizada.

Além disso, os materiais digitais produzidos se caracterizam pela diversidade e hibridização de formatos e linguagens, como decorrência das próprias possibilidades abertas pelos processos de digitalização da comunicação e seu uso crescente pelos migrantes. No caso específico do ativismo de haitianos no Brasil, foi possível evidenciar que essa hibridização decorreu também de usos artesanais de recursos comunicacionais que remetem a elementos presentes nas práticas de comunicação popular e comunitária na América Latina, como a oralidade do rádio, o gênero telenovela apropriado para a *web* e a história em quadrinhos.

Os usos dos recursos digitais aparecem relacionados, ainda, às trajetórias migratórias dos ativistas, ao tempo de permanência no país de destino e aos repertórios políticos, comunicacionais e tecnológicos construídos tanto nos países de origem como de destino. Somam-se a isso o desenvolvimento das infraestruturas digitais e as condições de acesso aos recursos digitais também nos países de origem e de destino, que operam como condicionantes dos ativismos transnacionais dos migrantes. A pesquisa sobre o ativismo do Marea Granate evidenciou que os integrantes do coletivo – formado por jovens universitários, muitos deles profissionais especializados, pertencentes a classes médias urbanas – possuíam amplo acesso a recursos digitais nos países de origem e migração, demonstrando um domínio desses recursos para a produção de materiais digitais no âmbito de suas ações ativistas. Além disso, parte de seus integrantes acumulavam experiência em ação política adquirida nos países de origem. No caso de venezuelanos, as desigualdades digitais vivenciadas por muitos imigrantes que chegaram ao Brasil nos últimos anos operaram como um condicionante das mobilizações realizadas por esses migrantes durante a campanha eleitoral de 2022 (Camargo; Cogo; Alencar, 2022).

Dentre as seis experiências estudadas, as pautas de reivindicação de ativistas brasileiros, espanhóis e cubanos são direcionadas diretamente aos Estados quando reivindicam o direito ao retorno de integrantes da diáspora cubana e o direito ao voto de espanhóis que vivem no exterior, ou quando denunciam o *impeachment* como golpe em curso no país de origem.

A reflexão de Sayad (1999) ajuda a explicar a relação do ativismo migrante com os Estados quando o autor afirma que os mecanismos de controle dos direitos das diásporas têm sido acompanhados pelo compromisso por parte dos Estados-nação com a construção de estratégias discursivas ou narrativas que justifiquem a emergência e a existência da emigração, podendo ou não se desdobrar em políticas específicas voltadas a vincular e integrar essa diáspora às nações de origem. Nessa perspectiva, Moraes Mena (2009) define como

“respostas extraterritoriais” o conjunto de iniciativas implementadas nos últimos anos por alguns Estados latino-americanos com o objetivo de fortalecer as relações com as suas diásporas e fazê-las participar na construção nacional. Nesses casos, perseguem o objetivo de se configurarem como agentes de construção do espaço social transnacional através de estruturas institucionais governamentais que são responsáveis pelo desenvolvimento de iniciativas e estratégias de ligação com os seus emigrantes por meio da extensão dos direitos sociais e políticos para fora do território nacional — como votar no estrangeiro, expandir a informação para a diáspora etc.

Mas há também experiências ativistas que não se colocam em confronto com os Estados, como é o caso do ativismo de haitianos, venezuelanos e chineses. No Brasil, foi possível observar que o uso das plataformas digitais favoreceu a construção, pela diáspora haitiana, de um espaço transnacional de vinculação entre países de origem e destino sem a vinculação com o Estado ou com estruturas institucionais governamentais. Uma imigrante haitiana, que trabalhava em São Paulo como professora de francês em uma Organização Não Governamental, relatou seu engajamento em uma ação transnacional que visou intervir e provocar mudanças na educação no Haiti. A migrante, que chegou ao Brasil sozinha após morar no Equador por seis meses, criou e implementou uma página de financiamento coletivo na internet — denominada *École en Haiti* — com a finalidade de arrecadar recursos para a compra de um terreno e construção de uma escola em Corail, região do Haiti em que já havia trabalhado como professora voluntária após o terremoto de 2010. A iniciativa ganhou ampla divulgação tanto nas redes sociais quanto em outras mídias brasileiras. A imigrante haitiana atribui a essa visibilidade midiática e pública da proposta o fato de ter alcançado a meta financeira inicialmente estipulada, o que lhe permitiu dar início ao projeto no Haiti (Cogo, 2018).

Eu trabalhava nessa região. É uma região muito pobre, mas pobre para as pessoas que vivem nesse tipo de país, mas não é pobre, porque tem várias coisas que a gente pode transformar e trabalhar. Não é pobre porque o ar é puro, não é pobre porque a terra é boa, mas a gente não cultiva. Isso não é pobre, isso é falta de trabalho, falta de mão de obra. Porque, às vezes, para ajudar os outros, você deve sair bem longe. Então, pode ser, se for no Haiti, eu não poderia fazer essa Vakinha que estou fazendo. Pode ser sim, pode ser não. Ninguém sabe. Tudo que eu sei, agora, aqui me dá uma oportunidade para ajudar os outros (Relato da imigrante haitiana, em entrevista concedida à autora, 2017).

Por sua vez, as experiências das migrações venezuelana e chinesa se aproximam de um ativismo que assume um caráter mais individual, o que tem sido observado também entre os migrantes como decorrência de lógicas neoliberais de apropriações dos espaços digitais. No caso da migração venezuelana, foi possível evidenciar o engajamento de influenciadores venezuelanos nas plataformas digitais no apoio à candidatura de Jair Bolsonaro, candidato da extrema direita à reeleição no Brasil. Conforme sugere a reflexão de Zanforlin e Lyra (2023: 1), a figura do influenciador migrante como sujeito “plataformizado” sintetiza a premissa neoliberal de que “[...] migrante bom é aquele que mobiliza afetos nas redes sociais e não pesa ao Estado”.

Nas redes sociais, o influenciador venezuelano, EB, que contava, na época, com 105 mil seguidores, e atuava como coordenador geral da conta digital @RumboLibertad atuou em favor da eleição de Bolsonaro com testemunhos sobre a ameaça representada pelo socialismo de seu país de origem. No dia 30 de outubro de 2022, data das eleições do segundo turno no Brasil, o influenciador postou, em seu perfil no *Twitter*, um vídeo no qual se dirige, em português, aos brasileiros, para alertar que

Há duas direções, uma que leva à vitória da liberdade, a outra, é o caminho que o meu país, a Venezuela, percorreu há várias décadas. Você decide, se garante uma pátria para suas próximas gerações ou pune todos igualmente para viver o inferno do maldito socialismo que acabará é por fazê-los fugir deste país (Cogo, Camargo; Alencar, 2022).

Em perspectiva mais ampla, a dimensão intercultural do ativismo migrante aparece vinculada ao próprio potencial das conexões abertas pelas tecnologias digitais que reordena o ativismo dos migrantes. Em uma sociedade cada vez mais hiperconectada, as plataformas e redes digitais vêm provocando reconfigurações nas subjetividades ao ampliar e intensificar os contatos, interações, negociações e disputas culturais, vinculando, dessa forma, o intercultural com as estruturas comunicativas (ElHajji, 2023) e reconfigurando, assim, as próprias dinâmicas de ação política transnacional. Nessa perspectiva, as plataformas vêm aprofundando as disputas de hegemonia em torno das representações das migrações ao ampliarem as possibilidades de produção e circulação transnacional dessas representações.

Essas disputas foram observadas em alguns dos materiais analisados nas pesquisas aqui focalizadas. No perfil “O que mídia não mostra do Haiti”, na rede social *Facebook*, um músico e ativista haitiano que morava na cidade de

Porto Alegre, sul do Brasil, compartilhava, imagens e conteúdos que propunham outras visibilidades em contraponto a imagens midiáticas de pauperização e vitimização do Haiti e dos haitianos que se tornaram dominantes na mídia brasileira após o terremoto que atingiu o país em 2010 e o crescimento da imigração haitiana para o Brasil. O ativista explicou, na entrevista concedida para a pesquisa, as motivações para a criação do perfil relacionadas a essas disputas de representações (Cogo, 2018):

[...] a gente está trabalhando essa questão de mostrar uma outra face do Haiti, porque chega de desgraça sobre o Haiti, a mídia já mostrou demais [...] A gente só mostra as nossas praias, a nossa comida, que é maravilhosa, as nossas praias que são maravilhosas, os nossos hotéis, a nossa música, a nossa cultura, as coisas boas da nossa cultura. E tem dado muito retorno, tem muitos brasileiros, através dessas imagens, que já tem vontade de ir ao Haiti (Relato do imigrante haitiano, em entrevista concedida à autora, 2017).

Na análise das pesquisas aqui focalizadas, observamos, ainda, a necessidade de tradução de campanhas de mobilização dos ativistas para diferentes contextos, como foi o caso da campanha virtual *#NãoSouUmVírus* e *#NoSoyUmVirus*, desencadeada inicialmente na França e redesenhada por dois ativistas integrantes da diáspora chinesa no Brasil e na Espanha. Também na perspectiva da interculturalidade, foram as vivências do racismo e da xenofobia na trajetória migratória dos idealizadores da campanha no Brasil e na Espanha — anteriores e ao longo da pandemia de COVID-19 — que mobilizaram os ativistas citados para a criação campanha já em circulação na França. A transversalidade territorial possibilitada pelo ativismo digital da diáspora chinesa evidenciou, ainda, o exercício de um transnacionalismo que articulou espaços culturais ocidentais (Brasil-Espanha) e orientais (China).

O ativismo contra o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff também exigiu dos migrantes brasileiros em Barcelona a tradução para outro contexto nacional de um episódio específico da crise econômico-política brasileira, especialmente na perspectiva de atribuir visibilidade a esse episódio nas mídias espanholas e europeias, mas também em outros espaços sociais e institucionais. O relato de um dos ativistas brasileiros entrevistado para a pesquisa (Cogo, 2019a) sintetiza as estratégias de mobilização transnacional contra o *impeachment* construídas pelos brasileiros em Barcelona:

Mais ou menos o pessoal seguia as pautas do Brasil, que eu pessoalmente não estava muito de acordo, porque a gente aqui está limitado em um determinado

alcance [...] mas eu acho que de toda forma esse movimento que a gente fez, através da MD e outras pessoas que eram jornalistas, essa informação foi chegando aqui nos jornais da Europa e tinha conexões com grupo na França, da Alemanha e de vários lugares. [...] eu acho que esse pouquinho de gente, sem me gabar nem nada, fez com que essa notícia saísse e se veiculasse na Europa. [...] que até então não se sabia e era pouco divulgado o que acontecia no Brasil [...] eu acho que as pessoas e os jornais sempre estavam na agência de notícia, que vem do Globo e da grande imprensa, depois eles já tinham uma outra informação direta com as pessoas que já estavam aqui e conheciam alguns políticos daqui, e aí essa informação já foi tendo um outro caráter (Relato do ativista brasileiro, em entrevista concedida à autora, 2018).

Em sintonia com as estruturas em transformação da política internacional definida por Tarrow (2010), essa recriação conduziu os ativistas imigrantes a encontrarem no atual fenômeno da judicialização da política — através da integração ao movimento *Unidos pelo Lawfare* — convergências entre o *impeachment* brasileiro, o independentismo catalão e os processos similares ocorridos em países latino-americanos, como o Equador.

A dimensão da interculturalidade colaborou igualmente para compreendermos que, para a diáspora chinesa, o ativismo da campanha *#EuNãoSouUnVirus* e *#NoSoyUnVirus* representou uma oportunidade para lidar com o conflito cultural. Para o ativista responsável pela campanha na Espanha, a atuação na campanha lhe permitiu assumir um posicionamento de ativista que anteriormente rejeitava e que, na sua visão, está ligado a um traço cultural que marcou sua educação no contexto de uma família chinesa: evitar o confronto e buscar a harmonia. O ativista atribui a esse posicionamento o fato de, durante muito tempo, não ter reconhecido as microagressões das quais foi alvo quando frequentou uma escola em uma cidade pequena da Espanha e sofreu provocações ou foi chamado pejorativamente de “chinês” pelos colegas. No caso do Brasil, os ativistas entrevistados lembram que optaram pela produção de uma “*campanha menos combativa e mais convidativa*”, uma vez que percebiam que, mesmo os conteúdos ou notícias que buscavam repercutir o preconceito e a discriminação sobre a China, acabavam tendo um viés ofensivo (Cogo; Peres Neto; Huertas Bailén, 2024).

Considerações finais

As reflexões produzidas a partir da análise desenvolvida neste artigo permitem reafirmar que a economia política das plataformas digitais e seus recursos

participativos, interativos e conectivos vêm moldando e, ao mesmo tempo, sendo moldada pelo ativismo político transnacional dos migrantes, na perspectiva proposta por Poell, Nieborg e Djick (2020). O próprio envolvimento político de alguns ativistas com pautas de extrema direita, como é o caso dos migrantes venezuelanos nas eleições brasileiras, está fortemente associada à expansão das plataformas digitais e às lógicas algorítmicas que têm favorecido a emergência e o fortalecimento de partidos de extrema direita. A intensificação do ativismo migrante em ambientes digitais também nos convida a ampliar as reflexões sobre o direito à comunicação de migrantes que contemplem o acesso e a distribuição dos recursos digitais e sua democratização (Camargo; Cogo; Alencar, 2022).

As trajetórias empíricas construídas pelas seis pesquisas analisadas indicam, ainda, a existência de desafios metodológicos para a coleta e análise de dados do ativismo migrante em plataformas digitais, que se caracterizam por serem um ecossistema complexo, multiplataforma, com regras distintas, de difícil monitoramento e em constante transformação.

No que se refere à ação política e ao ativismo migrante, a análise permitiu questionar a premissa de que os migrantes se desinteressariam, por um lado, pela vida política dos países de origem, por estarem distantes territorialmente, e, por outro, pela participação política nos países de destino, tendo em vista que, em muitos casos, os migrantes não possuem o direito ao voto ou tendem a priorizar a inserção e a sobrevivência nos países de destino ao invés da adesão a causas políticas. Além disso, os resultados apontam que causas e propostas políticas pró-imigração ou democráticas, embora majoritárias, não são as únicas que mobilizam a ação política dos migrantes, mas que o ativismo transnacional dos migrantes também tem se alinhado a propostas extremistas e anti-imigração.

Por fim, a interculturalidade nas seis pesquisas analisadas não foi apenas uma dimensão das interações e das disputas envolvendo o ativismo migrante nos espaços digitais, mas também esteve presente na colaboração transnacional entre pesquisadores de instituições de diferentes países — Cuba, Uruguai, Espanha e Holanda — e de diferentes regiões brasileiras — como a região Norte — para a observação e análise do fenômeno do ativismo transnacional das migrações contemporâneas. Essa colaboração possibilitou conhecer e contrastar as especificidades socioculturais, políticas e tecnológicas das práticas ativistas dos migrantes em diferentes países.

Referências

- ALMEIDA, Gabriel. COGO, Denise. Redes sociocomunicativas e ativismo transnacional de bolivianos no Brasil no contexto do golpe de estado na Bolívia *In: SILVA, Tarcisio Torres; DORETTO, Juliana; HERGESEL, João Paulo. (Orgs.). Redes digitais e culturas ativistas 2: mídia, cultura e participação.* São Paulo: Clea Editorial, 2022, p. 149-174. Disponível em: <https://www.jogodepalavras.com/clea-redes2>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- AGÊNCIA PÚBLICA [Brasil]. [Página inicial]. São Paulo: Agência Pública, [2015]. Disponível em: <https://apublica.org/>. Acesso em: 23 mar 2024
- BRIGNOL, Liliane Dutra. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. *Intexto*, [S. l.], n. 43, pp. 119-134, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81112>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- BRIGNOL, Liliane; COSTA, Nathália Drey. Migração e usos sociais do facebook: uma aproximação à webdiáspora senegalesa no Rio Grande do Sul. *REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, [S. l.], v. 24, n. 46, pp. 91-108, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v24n46/1980-8585-REMHU-24-46-091.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- CAMARGO, Julia; COGO, Denise; ALENCAR, Amanda. Venezuelan Refugees in Brazil: Communication Rights and Digital Inequalities During the Covid-19 Pandemic. *Media and Communication*, [S. l.], v. 10, n. 2, pp. 230-340, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/mac.v10i2.5051>. Acesso em: 22 fev. 2023
- COGO Denise. Brazilians in Spain: communication and transnational activism in a context of economic-political crisis. *Communication & Society*, [S. l.], v. 32, pp. 223-238, 2019a. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/36763>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- COGO, Denise. Communication, migrant activism and counter-hegemonic narratives of Haitian diaspora in Brazil. *Journal of Alternative and Community Media*, [S. l.], v. 4, pp. 71-85, 2019b.
- COGO, Denise. O Haiti é Aqui: mídia e narrativas de imigrantes haitianos sobre racismo no Brasil. *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, [S. l.], v. 139, pp. 427-448, 2018. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3595>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- COGO, Denise; CAMARGO, Julia, ALENCAR, Amanda. O Brasil vai virar uma Venezuela: migração, mídias digitais e eleições brasileiras. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom PUC Minas*, 46, 2023, Belo Horizonte. Trabalho apresentado no GP21 Geografias da Comunicação – Comunicação, territórios e fronteiras/ Trabalho.

- COGO, Denise; OLIVERA, Mauricio Nihil. #NoNosVamosNosEchan - internet, activismo en red y narrativas de los nuevos emigrantes españoles. *MATRIZES*, São Paulo, v. 11, n. 1, pp. 165-187, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122220>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- COGO, Denise; PERES-NETO, Luiz; HUERTAS, Amparo. #EuNãoSouUmVírus - uma análise do ativismo digital da diáspora chinesa frente a discursos racistas durante a pandemia de Covid-19. [On-line]. In: *XVI Congreso la Comunicación como Bien Público Global – Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação - ALAIC*, 16, 2022, Buenos Aires.
- COGO, Denise; SANTOS, Deborah Rodriguez. #Nosomosdesertores: Activism and Narratives of the Cuban Diaspora on Twitter. *International Journal of Communication*, [S. l.], v. 16, pp. 5603-5625, 2022. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17582>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. Literacias para a cidadania global. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 27, n. 2, 2022, pp. 183-198. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/200305>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- ELHAJJI, Mohammed. *O intercultural migrante: teorias & análises*. Porto Alegre: Fi, 2023.
- ELHAJJI, Mohammed e ESCUDERO, Camila. *Webdiáspora.br: migrações, TICs e identidades transnacionais no Brasil*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43842476/Webdi%C3%A1spora_br_Migra%C3%A7%C3%B5es_TICs_e_identidades_transnacionais_no_Brasil. Acesso em: 23 mar. 2024.
- HUERTAS BAILÉN, Amparo e PERES-NETO, Luiz. Migrantes que se autoproclamam autoridades discursivas: “¿Qué pasa en Venezuela?”. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, [S. l.], n. 124, 2020, pp. 147-172. Disponível em: <https://doi.org/10.24241/rcai.2020.124.1.147>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- JARAMILLO-DENT, Daniela; ALENCAR, Amanda e ASADCHY, Yan. #Migrantes on TikTok: Exploring Platformed Belongings. *International Journal of Communication*, [S. l.], v. 16, 2022, pp. 5578-5602. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17435>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- JARAMILLO-DENT, Daniela; CONTRERAS-PULIDO, Paloma; PÉREZ-RODRÍGUEZ, Amor. Immigrant Influencers on TikTok: Diverse Microcelebrity Profiles and Algorithmic (In)Visibility. *Media and Communication*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2022, pp. 208-221. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/4743>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- LACOMBA VÁZQUEZ, Joan e MORAES MENA, Natalia. La activación de la inmigración. *Migraciones - Revista del Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones*, [S. l.], v. 48, 2020, pp. 1-20. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/revistamigraciones/article/view/12705>. Acesso em: 22 mar. 2024.

- LAGO MARTÍNEZ, Silvia. Movimientos sociales y acción colectiva en la sociedad red. *Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación*, [S. l.], n. 128, 2015, pp. 113-130. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2304>. Acesso em: 23 mar 2024.
- LAGO MARTÍNEZ, Silvia. Internet y cultura digital: la intervención política y militante. *Nómadas*, n. 28, 2008, pp. 102-111. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105116292010>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- LIU YANG, ANTONIO. (@antonioliuyang). #NoSoyUnVirus. X, 2 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/antonioliuyang>. Acesso em: 22 mar 2024
- MALGESINI, Graciela, GIMÉNEZ, Carlos. Guia de conceptos sobre migraciones, racismo e interculturalidad. Madrid: La Cueva del Oso, 1997.
- MAREA GRANATE (Espanha). [Página inicial]. Marea Granate: [S. l.], [2022], Disponível em: www.mareagranate.org. Acesso em: 27 mar. 2024.
- MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. *REHMU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, [S. l.], v. 23, n. 4, 2015, pp. 11-30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/rGrHpRZ4QGG5GsHgRd7zwHw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MEZZADRA, Sandro. Capitalismo, migraciones y luchas sociales. La mirada de la autonomía. *Nueva Sociedad*, [S. l.], n. 237, 2012, pp. 159-178. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/capitalismo-migraciones-y-luchas-sociales-la-mirada-de-la-autonomia/>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MISKOLCI, Richard. *Batalhas morais*: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MORAES MENA, Natalia. As respostas extraterritoriais dos Estados latino-americanos face à migração transnacional. *Migrações*, [S. l.], n. 5, 2009, pp. 37-52. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr5.pdf/96622cf7-585c-44c8-9e83-0aa1ab5f07bo>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- NAVARRO GARCÍA, Laura. Medios de comunicación creados por inmigrantes marroquíes en España: entre la movilización social y el control político. *Commons - Revista de Comunicación Social y Ciudadanía*, [S. l.], v. 3, n. 2, 2014, pp. 78-110. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/cayp/article/view/3083>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- NEDELUCU, Mihaela. The Romanian Scientific E-Diaspora. Online Mobilization, Transnational Agency and Globalization of Domestic Policies. In: TSAGAROUSIANOU, Roza e RETIS, Jessica (Orgs.). *The Handbook of Diasporas, Media, and Culture*. Londres: Wiley-Blackwell, 2019.
- NO SOMOS DESERTORES. @desertornosoy. “Desde el dolor que sufren miles de cubanos por restricciones migratorias del Gobierno de Cuba”. X (antigo Twitter), fev. 2018. Disponível em: <https://twitter.com/desertornosoy>. Acesso em: 21 mar 2024

- OLIVERA, Maurício Nihil; COGO, Denise. Transnational activism of young Spanish emigrants and uses of ICT. In: LUPPICINI, Rocci; BAARDA, Rachel. (Orgs.). *Digital media integration for participatory democracy*. Hershey: IGI Global, 2017, pp. 155-187. Disponível em: <https://www.igi-global.com/chapter/transnational-activism-of-young-spanish-emigrants-and-uses-of-ict/17870>7> . Acesso em: 23 fev. 2023.
- OUTRAS MÍDIAS (Brasil). [Outras Mídias]. São Paulo: Redação Outras Palavras, 2015. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/webserie-expoe-vida-dos-haitianos-no-brasil/#:~:text=O%20projeto%20quer%20auxiliar%20na,e%20tamb%C3%A9m%20da%20Cinemateca%20Brasileira>. Acesso em: 7 jul. 2023
- POELL, Thomas; NIEBORG, David e DIJCK, José. Plataformização. *Fronteiras – estudos midiáticos*, [S. l.], v. 22, n. 1, 2020, pp. 2-10. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [S. l.], n. 69, 2004, pp.73-93.
- PULA MURALHA. *Eu não sou um vírus*. [S. l.], 5 de fevereiro de 2020. *YouTube*: @pulamuralha. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_mM8j2U3no. Acesso em: 12 mar 2024.
- RAMÍREZ PLASCENCIA, David. Concerning at distance: digital activism and social media empowerment between Latin-American migrants in Spain. *ESSACHESS – Journal for Communication Studies*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2016, pp. 1-20. Disponível em: <https://www.essachess.com/index.php/jcs/article/view/338>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- RETIS, Jessica. Inmigrantes latino-americanos en ciudades globales: aproximaciones interdisciplinarias en el análisis de las prácticas comunicativas, mediáticas y culturales. *Contratexto*, [S. l.], n. 30, 2018, pp. 19-40. Disponível em: <https://bit.ly/2GmCuei>. Acesso em 10 mar. 2024.
- ROCHA, Rose de Melo e LIESENBERG, Susan. O olho sensível: (est)éticas do visível e políticas de visibilidade. *E-Compós*, [S. l.], v. 18, n. 3, 2015, pp. 1-16. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1227> . Acesso em: 12 mar. 2024.
- SABLINA, Lillia. We Should Stop the Islamisation of Europe! :Islamophobia and Right-Wing Radicalism of the Russian-Speaking Internet Users in Germany. *Nationalities Papers*, [S. l.], v. 49, n. 2, 2021, pp. 361-374. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/nps.2019.76>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- SASSEN, Saskia. *Contrageografias de la globalización*. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos. Madri: Traficantes de Sueños, 2013.
- SAYAD, Abdelmalek. *La double absence – des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré*. Paris: Editions de Seuil, 1999.

- TARROW, Sidney. *El nuevo activismo transnacional*. Barcelona: Editorial Hacer, 2010.
- TSAGAROUSIANOU, Roza; RETIS, Jessica (Orgs.). *The Handbook of Diasporas, Media, and Culture*. Londres: Wiley-Blackwell, 2019.
- VARELA-HUERTA, Amarela. Luchas migrantes. In: CEJA CÁRDENAS, Iréri; ÁLVARES VELASCO, Soledad e BERG, Ulla (Orgs.). *Migración*. Buenos Aires: Clacso-UAM Cuajimalpa, 2021. pp. 49-58. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/buscar_libro_detalle.php?campo=autor&texto=&id_libro=2406. Acesso em: 16 mar. 2024.
- ZANFORLIN, Sofia e LYRA, Júlia. Migrante, empreendedor e influenciador. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 22 jun. 2023. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/migrante-empresendedor-e-influenciador/>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- Data de recebimento: 26 de Agosto de 2024
- Data de aceite: 07 de Janeiro de 2025

Como citar este artigo:

- COGO, Denise. Ação política e ativismo transnacional de migrantes em plataformas digitais. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.15, p. 1-25, e141364, 2025. Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v15.1364>